

Parte

1

*Sumário Conceitual*

# 1

## As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma Estrutura para a Terapia Familiar

Betty Carter, M.S.W.  
e Monica McGoldrick, M.S.W.

---

O tempo presente e o tempo passado  
Talvez estejam, ambos, presentes no tempo futuro,  
E o tempo futuro, contido no tempo passado.

T.S. Elliot

Nos poucos anos decorridos desde a primeira edição deste livro, ocorreram muitas mudanças no campo da terapia familiar em relação a esse tópico, e nos próprios padrões de ciclo de vida. Em primeiro lugar, existe uma florescente literatura discutindo as famílias, com relação à sua fase desenvolvimental, e referindo-se ao divórcio, recasamento e doença crônica em termos desenvolvimentais. Em segundo lugar, houve uma pequena revolução na percepção das diferenças no desenvolvimento masculino e feminino (Gilligan, 1982; Miller, 1976; etc.) e em suas implicações com o ciclo de vida familiar. A posição conservadora, ou mesmo reacionária, que o campo da terapia familiar assumiu com relação ao papel da mulher foi fortemente criticada (Goldner, 1986; Taggart, 1986; Libow, 1984; Hare-Mustin, 1978, 1980 & 1987; *The Women's Project in Family Therapy*, no prelo; McGoldrick, Anderson & Walsh, no prelo, etc.) e requer uma cuidadosa reconsideração de nossas suposições acerca da "normalidade", da noção de "família" — de quem é responsável por sua manutenção — e do papel do terapeuta ao responder às normas e realidades sociopolíticas em modificação. Também ficamos mais conscientes da importância dos padrões étnicos e da variabilidade cultural nas definições da normalidade do ciclo de vida (McGoldrick, 1982). Nesta segunda edição, tentamos reavaliar e reformular nossa primeira edição à luz dessas perspectivas em modificação.

Gostaríamos de enfatizar dois cuidados que devemos ter em relação à perspectiva de ciclo de vida. Uma aplicação rígida das idéias psicológicas ao ciclo de vida "normal" pode ter um efeito prejudicial, caso promova um ansioso auto-escrutínio que desperte o medo de que qualquer desvio das normas seja patológico. A armadilha oposta, superenfatizar a primazia do "admirável mundo novo" enfrentado por cada nova geração, pode criar um senso de descontinuidade histórica ao desvalorizar o papel da paternidade e tirar o significado do relacionamento entre as gerações. O nosso objetivo é o de oferecer uma visão do ciclo de vida em termos do relacionamento intergeracional na família. Acreditamos que este constitui um dos nossos maiores recursos humanos. Não queremos supersimplificar a complexidade das tran-

sições de vida nem encorajar a estereotipia, promovendo classificações de “normalidade” que limitem nossa visão da vida humana. Pelo contrário, nossa esperança é a de que, ao sobrepassarmos a estrutura de ciclo de vida familiar aos fenômenos naturais da vida ao longo do tempo, possamos aumentar a profundidade com que os terapeutas consideram os problemas e as forças familiares.

A perspectiva do ciclo de vida familiar vê os sintomas e as disfunções em relação ao funcionamento normal ao longo do tempo, e vê a terapia como ajudando a restabelecer o momento desenvolvimental da família. Ela formula problemas acerca do curso que a família seguiu em seu passado, sobre as tarefas que está tentando dominar e do futuro para o qual está se dirigindo. Nossa opinião é a de que a família é mais do que a soma de suas partes. O ciclo de vida individual acontece dentro do ciclo de vida familiar, que é o contexto primário do desenvolvimento humano. Consideramos crucial esta perspectiva para o entendimento dos problemas emocionais que as pessoas desenvolvem na medida em que se movimentam juntas através da vida.

É surpreendente como os terapeutas, até bem pouco tempo, prestaram pouca atenção à estrutura do ciclo de vida. Talvez sejam as mudanças dramáticas nos padrões de ciclo de vida que estejam atraindo a nossa atenção para esta perspectiva. De qualquer forma, está ficando cada vez mais difícil determinar quais são os padrões “normais”, e isso é muitas vezes causa de grande estresse para os membros da família, que têm poucos modelos para as passagens que estão atravessando.

Neste livro, consideramos o ciclo de vida familiar em relação a três aspectos: (1) os estágios predizíveis de desenvolvimento familiar “normal” na tradicional classe média americana, conforme nos aproximamos do final do século XX, e as típicas disputas clínicas quando as famílias têm problemas para negociar essas transições; (2) os padrões do ciclo de vida familiar que estão se modificando em nossa época e as mudanças naquilo que é considerado “normal”; e (3) uma perspectiva clínica que vê a terapia como ajudando as famílias que descarrilaram no ciclo de vida familiar a voltarem à sua trilha desenvolvimental, e que convida você, terapeuta, a incluir-se, e a seu próprio estágio de ciclo de vida, nesta equação (Capítulo 5).

## A FAMÍLIA COMO UM SISTEMA MOVENDO-SE ATRAVÉS DO TEMPO

Em nossa opinião, o estresse familiar é geralmente maior nos pontos de transição de um estágio para outro no processo desenvolvimental familiar, e os sintomas tendem a aparecer mais quando há uma interrupção ou deslocamento no ciclo de vida familiar em desdobramento. Muitas vezes, é necessário dirigir os esforços terapêuticos para ajudar os membros da família a se reorganizarem, de modo a poderem prosseguir desenvolvimentalmente. Michael Solomon (1973), um dos primeiros terapeutas a discutir a perspectiva do ciclo de vida familiar, delineou tarefas para um ciclo de vida de cinco estágios, e sugeriu a utilização desta estrutura como uma base diagnóstica sobre a qual planejar o tratamento. Outros autores dividiram o ciclo de vida familiar em diferentes números de estágios. A análise mais amplamente aceita é a do sociólogo Duvall (1977), que trabalhou muitos anos para definir o desenvolvimento familiar normal. Duvall separou o ciclo de vida familiar em oito estágios, todos referentes aos eventos nodais relacionados às idas e vindas dos membros da família: casamento, o nascimento e a educação dos filhos, a saída dos filhos do lar, aposentadoria e morte. A análise mais complexa do ciclo de vida foi a proposta por Rodgers (1960), que expandiu seu esquema em 24 estágios separados que incluem o progresso dos vários filhos através dos eventos nodais do ciclo de vida. Hill (1970) enfatizou três aspectos geracionais do ciclo de vida, descrevendo os pais dos filhos casados como formando uma “ponte geracional” entre as gerações mais

velhas e as mais novas da família. Sua opinião é a de que em cada estágio do ciclo de vida existe um complexo de papéis distinto para os membros da família, uns em relação aos outros. Combrinck-Graham (1985) sugeriu uma ênfase nas oscilações entre períodos centrípetos e centrífugos no desenvolvimento familiar, enfatizando as experiências de vida, tais como o nascimento ou a enfermidade, que requerem um estreitamento e primazia dos relacionamentos, e outras experiências, tais como iniciar a escola ou um novo emprego, que exigem um foco na individualidade. Obviamente, as muitas maneiras como os membros da família dependem uns dos outros dentro da "espiral geracional" (Duvall, 1977, página 153), numa mútua interdependência, são parte da riqueza do contexto familiar conforme as gerações se movem através da vida.

O desenvolvimento de uma perspectiva de ciclo de vida para o indivíduo foi grandemente facilitado pelo criativo trabalho de Erikson (1950), Levinson (1978), Miller (1976), Gilligan (1982) e outros, ao definirem as transições da vida adulta. Estudos recentes sobre o casal ao longo do ciclo de vida ajudaram-nos a obter uma perspectiva temporal do sistema de duas-pessoas (Campbell, 1975; Gould, 1972; Harry, 1976; Schram, 1979; Nadelson e colaboradores, 1984). O modelo de três pessoas, ou familiar, foi cuidadosamente elaborado por Duvall, que focaliza a educação dos filhos como o elemento organizador da vida familiar.

Nós gostaríamos de considerar o movimento de todo o sistema geracional abrangendo três ou quatro gerações em seu movimento através do tempo. Os relacionamentos com os pais, irmãos (Cicirelli, 1985) e outros membros da família passam por estágios, na medida em que a pessoa se move ao longo do ciclo de vida, exatamente como acontece com os relacionamentos progenitor-filho e conjugal. Entretanto, é extremamente difícil pensar na família como um todo, em virtude da complexidade envolvida. Como um sistema movendo-se através do tempo, a família possui propriedades basicamente diferentes de todos os outros sistemas. Diferentemente de todas as outras organizações, as famílias incorporam novos membros apenas pelo nascimento, adoção ou casamento, e os membros podem ir embora somente pela morte, se é que então. Nenhum outro sistema está sujeito a estas limitações. Uma organização comercial pode despedir aqueles membros que considera disfuncionais, ou, reciprocamente, os membros podem demitir-se se a estrutura e os valores da organização não forem de seu agrado. Se não puder ser encontrada nenhuma maneira de funcionar dentro do sistema, as pressões nos membros da família sem nenhuma saída podem, em casos extremos, levar à psicose. Em sistemas não-familiares, os papéis e funções do sistema são executados de uma maneira mais ou menos estável, substituindo-se aqueles que partem por alguma razão, ou então o sistema se dissolve e as pessoas vão para outras organizações. Embora as famílias também tenham papéis e funções, o seu principal valor são os relacionamentos, que são insubstituíveis. Se um progenitor vai embora ou morre, uma outra pessoa pode ser trazida para preencher uma função paterna, mas essa pessoa jamais substituirá o progenitor em seus aspectos emocionais.

Nossa opinião é a de que a "família" compreende todo o sistema emocional de pelo menos três, e agora freqüentemente quatro, gerações. Esse é o campo emocional operativo em qualquer momento dado. Não achamos que a influência da família esteja restrita aos membros de uma determinada estrutura doméstica ou a um dado ramo familiar nuclear do sistema. Assim, embora reconheçamos o padrão americano dominante de famílias nucleares separadamente domiciliadas, elas são, em nossa opinião, subsistemas emocionais, reagindo aos relacionamentos passados, presentes e antecipando futuros, dentro do sistema familiar maior de três gerações. Nós insistimos em que você inclua pelo menos essa parte do sistema em seu modo de pensar, e o capítulo 8 explica como utilizar efetivamente o genetograma para esse mapeamento e investigação clínica.

Nossa perspectiva de três gerações não deve ser confundida com aquilo à que Goode (1963) referiu-se como a “clássica nostalgia da família ocidental” — uma época mitológica em que a família ampliada reinava suprema, com mútuos respeito e satisfação entre as gerações (Hess & Waring, 1984). O sexismo, classismo e racismo de tais arranjos patriarcais não devem ser subestimados. Entretanto, nós pagamos um preço pelo fato de a família moderna ser caracterizada pela escolha nos relacionamentos interpessoais: com quem casar, onde viver, quantos filhos ter e como dividir as tarefas familiares. Como Hess e Waring observaram, “Conforme nos movemos da família de laços obrigatórios para aquela de laços voluntários, os relacionamentos fora da unidade nuclear perdem igualmente qualquer certeza ou consistência normativa que os governavam em épocas anteriores. Por exemplo, os relacionamentos entre irmãos, hoje em dia, são quase completamente voluntários, sujeitos a rompimento através da mobilidade ocupacional e geográfica, como na verdade acontece com o próprio casamento” (página 303). No passado, o respeito pelos pais e a obrigação de cuidar dos mais velhos estavam baseados em seu controle dos recursos, reforçado pela tradição religiosa e pela sanção normativa. Atualmente, com a crescente capacidade dos membros mais jovens da família de determinar seus próprios destinos no casamento e no trabalho, o poder dos mais velhos de exigir a piedade filial está reduzido. No passado, a manutenção dos relacionamentos familiares era compreendida como responsabilidade das mulheres: elas cuidavam das crianças, cuidavam dos homens, e cuidavam dos idosos e doentes. Isso está mudando. Mas a nossa cultura ainda está dedicada ao “individualismo” fronteiriço e não fez arranjos adequados para que a sociedade assuma essas responsabilidades, e muitas pessoas, especialmente as pobres e as desamparadas, normalmente mulheres e crianças, estão fracassando em suas tentativas. Nós não estamos, todavia, tentando encorajar o retorno a uma rígida família de três gerações, injusta, patriarcal, mas, pelo contrário, queremos estimular o reconhecimento de nossa ligação na vida — dentro de qualquer tipo de estrutura familiar — com aqueles que vieram antes de nós e com aqueles que vieram depois. Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que surgem muitos problemas quando as mudanças no nível social do sistema não acompanham as mudanças no nível familiar, e, conseqüentemente, deixam de validar e apoiar as mudanças.

Um dos aspectos mais complexos do status dos membros da família é a confusão que ocorre sobre a pessoa poder ou não escolher sua qualidade de membro e conseqüente responsabilidade numa família. Atualmente, as pessoas muitas vezes agem como se pudessem ter escolha nessa questão, quando de fato existe muito pouca. Os filhos, por exemplo, não têm escolha quanto a nascer dentro de um sistema, nem os pais, depois que os filhos nasceram, podem optar quanto à existência das responsabilidades da paternidade, mesmo que negligenciem essas responsabilidades. De fato, não se entra em nenhum relacionamento familiar por escolha, a não ser no casamento. Mesmo no caso do casamento, a liberdade de casar com quem a pessoa deseja é uma opção bastante recente, e a decisão de casar provavelmente é tomada com muito menos liberdade do que as pessoas normalmente reconhecem na época (veja o Capítulo 10). Embora os parceiros possam escolher não continuar um relacionamento conjugal, eles permanecem co-progenitores de seus filhos, e o fato de terem sido casados continua a ser reconhecido com a designação de “ex-cônjuge”. As pessoas não podem alterar o fato de serem relacionadas a quem são na complexa teia de laços familiares ao longo de todas as gerações. Obviamente, os membros da família agem como se isso não fosse assim — elas rompem relações em virtude de seus conflitos ou porque acham que “não têm nada em comum” —, mas quando os membros da família agem como se os relacionamentos familiares fossem opcionais, eles o fazem em detrimento de seu próprio senso de identidade e da riqueza de seu contexto emocional e social.

Embora o processo familiar não seja, de modo algum, linear, ele existe na dimensão linear do tempo. Disso jamais poderemos escapar. Trabalhos anteriores sobre o ciclo de vida raramente levaram em conta este complexo processo de modo adequado. Talvez isso aconteça assim porque, de uma perspectiva multigeracional, não existe nenhuma tarefa unificadora como aquelas que podem ser descritas se os ciclos de vida são limitados a descrições do desenvolvimento individual ou das tarefas de paternidade. Mas é difícil superestimar o tremendo impacto modelador de vida de uma geração sobre aquelas que a seguem. Em primeiro lugar, as três ou quatro diferentes gerações devem acomodar-se simultaneamente às transições do ciclo de vida. Enquanto uma geração está indo para uma idade mais avançada, a próxima está lutando com o ninho vazio, a terceira com sua idade adulta jovem, estabelecendo carreiras e relacionamentos íntimos adultos com seus iguais e tendo filhos, e a quarta está sendo introduzida no sistema. Existe naturalmente uma mistura das gerações, e os eventos em um determinado nível têm um poderoso efeito nos relacionamentos em cada um dos outros níveis. O importante impacto dos eventos na geração de avós é rotineiramente esquecido pelos terapeutas centrados na família nuclear. Experiências dolorosas como doença e morte são particularmente difíceis de serem integradas pelas famílias, e, assim, provavelmente têm um impacto de longo alcance nos relacionamentos das gerações seguintes, como foi demonstrado no impressionante trabalho de Norman Paul (Paul & Grosser, 1965; Paul & Paul, 1974; veja também o Capítulo 19).

Atualmente, existem muitas evidências de que os estresses familiares, que costumam ocorrer nos pontos de transição do ciclo de vida, freqüentemente criam rompimentos neste ciclo e produzem sintomas e disfunção. Hadley e seus colegas (1974) descobriram que o início dos sintomas tinha uma significativa correlação com as crises desenvolvimentais de acréscimo e perda de membros da família. Walsh (1978) e Orfanidis (1977) descobriram que um evento significativo do ciclo de vida (morte de um avô), quando estreitamente relacionado temporalmente com um outro evento do ciclo de vida (nascimento de uma criança), correlacionava-se com padrões de desenvolvimento de sintomas em uma transição bem mais tardia no ciclo de vida familiar (o lançamento da geração seguinte). Existem crescentes evidências de que os eventos de ciclo de vida possuem um efeito continuado sobre o desenvolvimento familiar durante um longo período de tempo. É, provavelmente, nossa própria perspectiva limitada, como terapeutas, que dificulta nossa percepção desses padrões. Uma pesquisa raramente é executada durante um período maior do que alguns poucos anos, e assim pode-se perder facilmente as conexões longitudinais. Um grupo de pesquisa, dirigido por Thomas, estudou os padrões familiares de alunos de medicina da Johns Hopkins, e depois os acompanhou durante muitos anos. Eles encontraram numerosas conexões de ciclo de vida entre padrões familiares iniciais e o posterior desenvolvimento de sintomas (Thomas & Duszynski, 1974). Essa pesquisa apóia o método clínico de Bowen, que investiga os padrões familiares através de seu ciclo de vida em várias gerações, focalizando especialmente os eventos nodais e os pontos de transição no desenvolvimento familiar, tentando compreender a disfunção familiar no momento presente (Bowen, 1978).

Conforme ilustrado na Figura 1-1, nós consideramos o fluxo de ansiedade em uma família como sendo tanto "vertical" quanto "horizontal" (Carter, 1978). O fluxo vertical em um sistema inclui padrões de relacionamento e funcionamento que são transmitidos para as gerações seguintes de uma família principalmente através do mecanismo de triangulação emocional (Bowen, 1978). Ele inclui todas as atitudes, tabus, expectativas, rótulos e questões opressivas familiares com os quais nós crescemos. Poderíamos dizer que esses aspectos de nossa vida são como a mão que nos maneja: eles são os dados. O que fazemos com eles é problema nosso.

O fluxo horizontal no sistema inclui a ansiedade produzida pelos estresses na família conforme ela avança no tempo, lidando com as mudanças e transições do ci-

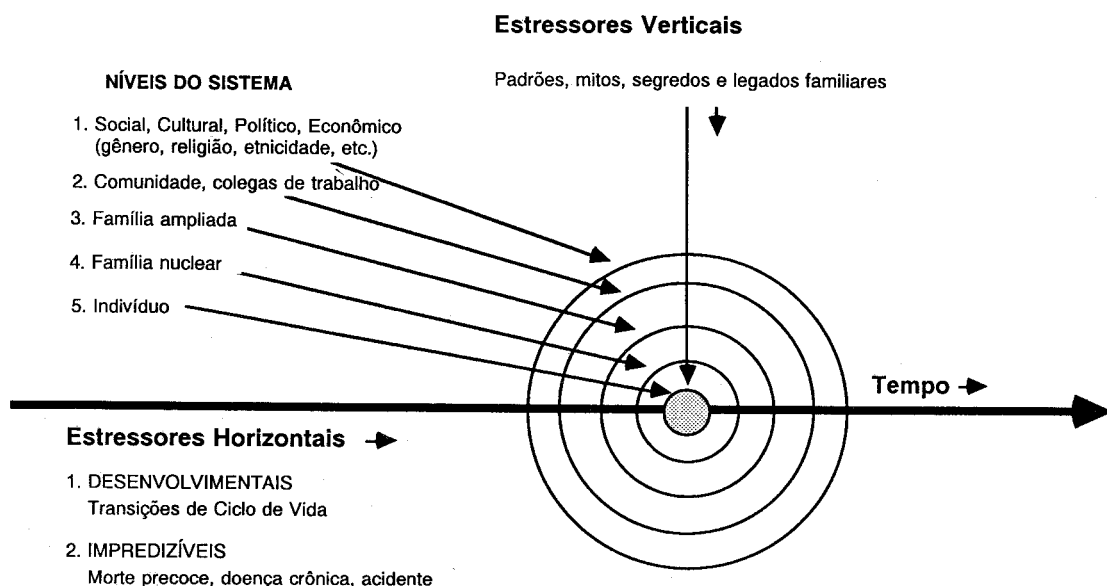


Figura 1-1 .Estressores horizontais e verticais.

clo de vida familiar. Isso inclui tanto os estresses desenvolvimentais predizíveis quanto os eventos imprevisíveis, “os golpes de um destino ultrajante” que podem romper o processo de ciclo de vida (uma morte prematura, o nascimento de uma criança deficiente, uma enfermidade crônica, uma guerra, etc.). Dado um estresse suficiente no eixo horizontal, qualquer família parecerá extremamente disfuncional. Mesmo um pequeno estresse horizontal em uma família em que o eixo vertical apresenta um estresse intenso irá criar um grande rompimento no sistema.

Em nossa opinião, o grau de ansiedade gerada pelo estresse nos eixos vertical e horizontal, nos pontos em que eles convergem, é o determinante-chave de quão bem a família irá manejar suas transições ao longo da vida. Torna-se imperativo, conseqüentemente, avaliar não apenas as dimensões do estresse do ciclo de vida atual, como também suas conexões com temas, triângulos e rótulos familiares que acompanham a família no tempo histórico (Carter, 1978). Embora toda mudança normativa seja estressante até certo ponto, nós observamos que, quando o estresse horizontal (desenvolvimental) faz uma interseção com o vertical (transgeracional), existe um aumento importante da ansiedade no sistema. Se, para dar um exemplo global, os pais da pessoa tiveram prazer em ser pais e lidaram com a tarefa sem uma ansiedade excessiva, o nascimento do primeiro filho produzirá somente os estresses normais de um sistema expandindo suas fronteiras em nossa época. Se, por outro lado, a paternidade foi uma *cause célèbre* de algum tipo na família de origem de um ou de ambos os cônjuges, e não foi manejada, a transição para a paternidade pode provocar uma ansiedade aumentada no casal. Quanto maior a ansiedade gerada na família em qualquer ponto de transição, mais difícil ou disfuncional será a transição.

Além do estresse “herdado” de gerações anteriores e daquele experienciado enquanto avançamos no ciclo de vida familiar, existe, é claro, o estresse de viver neste lugar, neste momento. Não podemos ignorar o contexto social, econômico e político e seu impacto sobre as famílias movendo-se através de fases diferentes do ciclo de vida em cada momento na história. Precisamos entender que existem discrepâncias imensas nas circunstâncias sociais e econômicas entre as famílias na nossa cultura, e esta desigualdade tem aumentado. No presente, os primeiros 10% da população possuem 57% da riqueza líquida do país, enquanto os 50% inferiores da população dividem 4.5% da riqueza líquida total (Thurow, 1987). Entre os homens que tra-

balham, somente 22% ganham \$31.000, e, entre as mulheres que trabalham, somente 3% ganham esse valor. (O tratamento que a sociedade dá às mulheres que trabalham ainda é gritantemente desigual, sendo que elas não ganham mais do que 65% daquilo que seus equivalentes masculinos ganham na força de trabalho, e sendo que as mulheres e as crianças respondem por 17% dos que estão na miséria.) Nós estamos rapidamente chegando ao ponto em que somente uma família com ambos os pais trabalhando em tempo integral será capaz de sustentar uma vida de classe média (Thurow, 1987).

Os fatores culturais também desempenham um papel maior na maneira pela qual as famílias passam pelo ciclo de vida. Os grupos culturais não apenas variam imensamente em sua separação dos estágios de ciclo de vida e definições das tarefas de cada estágio (Capítulo 3), como também está claro que mesmo após várias gerações depois da imigração, os padrões de ciclo de vida familiar dos grupos diferem acentuadamente (Woehrer, 1982; Gelfand & Kutzik, 1979; Lieberman, 1974). Também devemos reconhecer a tensão que o índice de mudança imensamente acelerado coloca nas famílias hoje em dia, quer as mudanças sejam para melhor, quer para pior.

Mesmo os estágios do ciclo de vida são avaliações bastante arbitrárias. A noção de infância foi descrita como uma invenção da sociedade ocidental do século dezoito e a de adolescência como uma invenção do século dezenove (Aries, 1962), relacionadas aos contextos cultural, econômico e político daquelas épocas. A noção de idade adulta jovem como uma fase independente poderia facilmente ser reclamada como uma invenção do século vinte, e a das mulheres como pessoas independentes, como do final do século vinte, se é que isso já é aceito atualmente. As fases do ninho vazio e da terceira idade também são desenvolvimentos principalmente deste século, desencadeadas pelo menor número de filhos e pelo período de vida mais prolongado de nossa época. Dados os atuais índices de divórcio e recasamento, o século vinte e um pode vir a ser conhecido por desenvolver a norma do casamento serial como parte do processo do ciclo de vida. A tendência da psicologia desenvolvimental tem sido a de abordar historicamente o ciclo de vida. Em virtualmente todas as outras culturas contemporâneas e durante virtualmente todas as outras épocas históricas, a análise dos estágios de ciclo de vida são diferentes das nossas atuais definições. Para aumentar essa complexidade, os grupos de pessoas que nasceram e viveram em períodos diferentes diferem na fertilidade, mortalidade, papéis de gênero aceitáveis, padrões de migração, educação, necessidades e recursos, e atitudes em relação à família e ao envelhecimento.

As famílias, caracteristicamente, não possuem uma perspectiva temporal quando estão tendo problemas. Elas geralmente tendem a magnificar o momento presente, esmagadas e imobilizadas por seus sentimentos imediatos; ou elas passam a fixar-se num momento futuro que temem ou pelo qual anseiam. Elas perdem a consciência de que a vida significa um contínuo movimento desde o passado e para o futuro, com uma contínua transformação dos relacionamentos familiares. Quando o senso de movimento é perdido ou distorcido, a terapia pode devolver o senso da vida como um processo e movimento desde e rumo a.

## AS MUDANÇAS NO CICLO DE VIDA FAMILIAR

Na geração passada, as mudanças nos padrões de ciclo de vida familiar aumentaram dramaticamente, especialmente por causa do índice de natalidade menor, da expectativa de vida mais longa, da mudança do papel feminino e do crescente índice de divórcio e recasamento. Enquanto antigamente a criação dos filhos ocupava os adultos por todo o seu período de vida ativa, ela agora ocupa menos da metade do período de vida adulta que antecede a terceira idade. O significado da família

está mudando drasticamente, uma vez que ela não está mais organizada primariamente em torno dessa atividade.

A mudança do papel feminino nas famílias é central nesses padrões de ciclo de vida familiar em modificação. As mulheres sempre foram centrais no funcionamento da família. Suas identidades eram determinadas primariamente por suas funções familiares como mãe e esposa. Suas fases de ciclo de vida estavam ligadas quase que exclusivamente aos seus estágios nas atividades de criação dos filhos. Para os homens, por outro lado, a idade cronológica era vista como uma variável-chave nas determinações do ciclo de vida. Mas essa descrição não se ajusta mais. Atualmente, as mulheres estão passando pelo ciclo de maternidade mais rapidamente do que suas avós; elas podem transferir o desenvolvimento de objetivos pessoais para além do campo familiar, mas não podem mais ignorar esses objetivos. Mesmo as mulheres que escolhem um papel principal de mãe e dona de casa devem agora defrontar-se com uma fase de “ninho vazio” que iguala, em duração, os anos dedicados primariamente a cuidar dos filhos. Talvez o moderno movimento feminista fosse inevitável, na medida em que as mulheres passaram a precisar de uma identidade pessoal. Tendo tido sempre a responsabilidade primária pela casa, família e cuidados às crianças, as mulheres necessariamente começaram a debater-se sob suas cargas, conforme passaram a ter mais opções em suas próprias vidas. Dado seu papel fundamental na família e sua dificuldade para estabelecer funções concorrentes fora dela, talvez não surpreenda que as mulheres tenham sido as mais propensas a desenvolver sintomas nas transições de ciclo de vida. Para os homens, os objetivos de carreira e família são paralelos. Para as mulheres, esses objetivos entram em conflito e apresentam um grande dilema. Embora as mulheres sejam mais positivas do que os homens em relação ao prospecto de casamento, geralmente elas estão menos satisfeitas do que eles com a realidade do casamento (Bernard, 1972). As mulheres, não os homens, costumam ficar deprimidas no momento do nascimento; isso parece ter muito a ver com o dilema que essa mudança cria em suas vidas. As mulheres, mais do que os homens, buscam ajuda durante os anos em que educam os filhos, no momento em que seus filhos atingem a adolescência e saem de casa, e quando seus maridos se aposentam ou morrem. E são as mulheres, não os homens, que têm a principal responsabilidade pelos parentes mais velhos. Certamente o fato de as mulheres buscarem ajuda quando têm problemas tem muito a ver com a maneira diferente pela qual elas são socializadas, mas isso também reflete os estresses especiais de ciclo de vida sobre elas, cujo papel tem sido o de assumir a responsabilidade emocional por todos os relacionamentos familiares (Capítulo 2).

Atualmente, num ritmo cada vez mais acelerado ao longo das décadas deste século, as mulheres mudaram radicalmente — e ainda estão mudando — a face do tradicional ciclo de vida familiar que existiu durante séculos. De fato, a presente geração de mulheres jovens é a primeira na história a insistir em seu direito à primeira fase do ciclo de vida familiar — a fase em que o jovem adulto deixa a casa dos pais, estabelece objetivos de vida pessoais e começa uma carreira. Historicamente, esse passo extremamente crucial no desenvolvimento adulto foi negado às mulheres, e, em vez disso, elas eram passadas dos pais aos maridos. Na fase seguinte, a do casal recém-casado, as mulheres estão estabelecendo casamentos com duas carreiras, tendo filhos mais tarde, tendo menos filhos, ou simplesmente escolhendo não ter filhos. Na fase de “panela de pressão” do ciclo de vida familiar — aquela das famílias com filhos pequenos — ocorre a maioria dos divórcios, muitos deles iniciados pelas mulheres; na fase seguinte, a das famílias com adolescentes, os casais apresentam o mais rápido crescimento nos índices de divórcio atualmente. É durante essa fase que a “crise do meio da vida” envia às escolas e ao trabalho um número de mulheres sem precedente. Finalmente, quando os filhos se foram, um casal casado — se ainda está casado — pode esperar uma média de vinte anos sozinho, junto, a

mais nova e mais longa fase do ciclo de vida familiar. Em épocas anteriores, um dos cônjuges, geralmente o marido, morria uns dois anos depois do casamento do filho mais jovem. A terceira idade, a fase final do ciclo de vida familiar, quase tornou-se uma fase apenas para as mulheres, mais por elas sobreviverem aos homens que por viverem mais do que costumavam viver. Nas idades de 75-79 anos, somente 24% das mulheres têm maridos, ao passo que 61% dos homens têm esposas. Nas idades de 80-84 anos, 14 % das mulheres têm maridos e 49% dos homens têm esposas. Na idade de 85 anos, 6% das mulheres têm maridos e 34% dos homens têm esposas (Bianchi & Spain, 1986; Glick, 1984b; *U.S. Senate Special Committee Report*, 1985).

As recentes mudanças nesses padrões tornam ainda mais difícil a nossa tarefa de definir o ciclo de vida familiar "normal". Uma porcentagem sempre crescente da população está vivendo junto sem casar (3% dos casais em qualquer momento da vida) e um número rapidamente crescente está tendo filhos sem casar. No presente, 6% ou mais da população é homossexual. As estimativas atuais são de que 12% das mulheres jovens jamais casarão, três vezes a porcentagem da geração de seus pais; 25% jamais terão filhos; 50% terminarão seus casamentos em divórcio e 20% terão dois divórcios. Assim, as famílias não estão passando através das fases "normais" nos momentos "normais". Se acrescentamos a isso o número de famílias que experienciam a morte de um membro antes da terceira idade e aquelas que têm um membro cronicamente doente, deficiente ou alcoolista, o que altera seu padrão de ciclo de vida, o número de famílias "normais" é ainda menor. Um outro fator maior que afeta todas as famílias numa época ou noutra é a migração (Sluzkki, 1979; McGoldrick, 1982). A quebra na continuidade cultural e familiar criada pela migração afeta os padrões de ciclo de vida por várias gerações. Dado o imenso número de americanos que imigraram nas duas últimas gerações, a porcentagem de famílias "normais" diminui ainda mais.

Dessa forma, o nosso paradigma para as famílias americanas de classe média é atualmente mais ou menos mitológico, embora estatisticamente exato, relacionando-se em parte com padrões existentes, e, em parte, com os padrões ideais do passado, com os quais a maioria das famílias se compara.

É imperativo que os terapeutas reconheçam, pelo menos, a extensão da mudança e as variações em relação à norma, tão comuns, e que ajudem as famílias a parar de comparar sua estrutura e curso de ciclo de vida com aqueles da família da década de cinquenta. Embora os padrões de relacionamento e os temas familiares continuem a soar familiares, a estrutura, idades, estágios e formas da família americana mudaram radicalmente.

Chegou a hora de os profissionais desistirem do apego aos antigos ideais e colocarem uma moldura conceitual mais positiva em volta daquilo que existe: casamentos com dois salários; estruturas domésticas permanentes de "progenitor solteiro"; casais não-casados e casais recasados; adoções por progenitores solteiros; e mulheres sozinhas de todas as idades. Já é hora de parar de pensar em crises transicionais como traumas permanentes, de tirar de nosso vocabulário palavras e frases que nos vinculam às normas e preconceitos do passado: filhos do divórcio, filho ilegítimo, lares sem pai, mãe que trabalha, e assim por diante.

## OS ESTÁGIOS DO CICLO DE VIDA FAMILIAR DA CLASSE MÉDIA AMERICANA INTACTA

Nossa classificação dos estágios de ciclo de vida das famílias americanas de classe média, nos últimos vinte e cinco anos do século vinte, realça nossa opinião de que o processo subjacente central a ser negociado é a expansão, a contração e o realinhamento do sistema de relacionamentos, para suportar a entrada, a saída e o desen-

volvimento dos membros da família de maneira funcional. Nós oferecemos sugestões a respeito do processo de mudança necessário nas famílias em cada transição, assim como hipóteses sobre as desavenças clínicas em cada fase.

## O Lançamento do Jovem Adulto Solteiro

Ao delinear os estágios do ciclo de vida familiar, afastamo-nos da descrição sociológica tradicional do ciclo de vida familiar como começando no namoro ou no casamento e terminando na morte de um dos cônjuges. Ao contrário, considerando a família como sendo a unidade emocional operativa desde o berço até o túmulo, nós vemos um novo ciclo de vida familiar começando no estágio de "jovens adultos", cujo encerramento da tarefa primária de chegar a um acordo com sua família de origem influencia profundamente quem, quando, como e se eles vão casar, e como executarão todos os outros estágios seguintes do ciclo de vida familiar. Um encerramento adequado desta tarefa requer que o jovem adulto se separe da família de origem sem romper relações ou fugir reativamente para um refúgio emocional substituto (Capítulo 9). Considerada desta maneira, a fase de "jovem adulto" é um marco. É o momento de estabelecer objetivos de vida pessoais e de se tornar um "eu", antes de juntar-se a uma outra pessoa para formar um novo subsistema familiar. Quanto mais adequadamente os jovens adultos puderem se diferenciar do programa emocional da família de origem nesta fase, menos estressores verticais os acompanharão no ciclo de vida de sua nova família. Essa é a sua chance de escolherem emocionalmente aquilo que levarão da família de origem, aquilo que deixarão para trás e aquilo que irão criar sozinhos. Como foi mencionado acima, é de imenso significado o fato de que até a presente geração esta fase crucial jamais foi considerada necessária para as mulheres, que não tinham nenhum *status* individual nas famílias. Obviamente, a tradição de cuidar dos filhos teve um profundo impacto no funcionamento das mulheres nas famílias, como agora também está tendo a atual tentativa de mudar a tradição.

Nós consideramos proveitoso conceitualizar as transições do ciclo de vida como requerendo uma mudança de segunda ordem, ou uma mudança do próprio sistema. Os problemas de cada fase muitas vezes podem ser resolvidos por uma mudança de primeira ordem, ou uma reorganização do sistema, envolvendo uma mudança incremental. Resumimos as mudanças no *status* necessárias para uma realização bem-sucedida das transições de ciclo de vida na coluna 2 da Tabela 1-1, que delinea os estágios e tarefas do ciclo de vida. Em nossa opinião, é importante que o terapeuta não fique atolado com uma família em detalhes de primeira ordem, quando ainda não se fizeram as mudanças de segunda ordem necessárias, no *status* de relacionamento, para a realização das tarefas da fase.

Na fase de jovem adulto, os problemas normalmente centram-se na falta de reconhecimento, seja do jovem adulto, seja dos pais, da necessidade de mudar para uma forma de relacionamento menos hierárquica, baseada no fato de agora todos serem adultos. Os problemas em mudar o *status* podem assumir a forma de os pais encorajarem a dependência de seus filhos adultos jovens, ou de os jovens adultos permanecerem dependentes ou se rebelarem e se afastarem, num rompimento de relações pseudo-independente com seus pais e famílias.

Para as mulheres, os problemas nesse estágio estão mais freqüentemente em deixar de lado sua definição de si mesmas em favor de encontrar um companheiro. Os homens, com maior freqüência, têm dificuldade em comprometer-se nos relacionamentos, estabelecendo, em vez disso, uma identidade pseudo-independente centrada no trabalho.

Nossa opinião, seguindo Bowen (1978), é a de que os rompimentos de relação jamais resolvem relacionamentos emocionais e de que os jovens adultos que rompem

Tabela 1-1. Os Estágios do Ciclo de Vida Familiar

| Estágio de Ciclo de Vida Familiar                 | Processo Emocional de Transição: Princípios-chave                                                                     | Mudanças de Segunda Ordem no <i>Status</i> Familiar Necessárias para se Prosseguir Desenvolvementalmente                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|---------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. Saindo de casa: jovens solteiros               | Aceitar a responsabilidade emocional e financeira pelo eu                                                             | <ul style="list-style-type: none"> <li>a. Diferenciação do eu em relação à família de origem</li> <li>b. Desenvolvimento de relacionamentos íntimos com adultos iguais</li> <li>c. Estabelecimento do eu com relação ao trabalho e independência financeira</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                   |
| 2. A união de famílias no casamento: O novo casal | Comprometimento com um novo sistema                                                                                   | <ul style="list-style-type: none"> <li>a. Formação do sistema marital</li> <li>b. Realinhamento dos relacionamentos com as famílias ampliadas e os amigos para incluir o cônjuge</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 3. Famílias com filhos pequenos                   | Aceitar novos membros no sistema                                                                                      | <ul style="list-style-type: none"> <li>a. Ajustar o sistema conjugal para criar espaço para o(s) filho(s)</li> <li>b. Unir-se nas tarefas de educação dos filhos, nas tarefas financeiras e domésticas</li> <li>c. Realinhamento dos relacionamentos com a família ampliada para incluir os papéis de pais e avós</li> </ul>                                                                                                                                                             |
| 4. Famílias com adolescentes                      | Aumentar a flexibilidade das fronteiras familiares para incluir a independência dos filhos e as fragilidades dos avós | <ul style="list-style-type: none"> <li>a. Modificar os relacionamentos progenitor-filho para permitir ao adolescente movimentar-se para dentro e para fora do sistema</li> <li>b. Novo foco nas questões conjugais e profissionais do meio da vida</li> <li>c. Começar a mudança no sentido de cuidar da geração mais velha</li> </ul>                                                                                                                                                   |
| 5. Lançando os filhos e seguindo em frente        | Aceitar várias saídas e entradas no sistema familiar                                                                  | <ul style="list-style-type: none"> <li>a. Renegociar o sistema conjugal como diáde</li> <li>b. Desenvolvimento de relacionamentos de adulto-para-adulto entre os filhos crescidos e seus pais</li> <li>c. Realinhamento dos relacionamentos para incluir parentes por afinidade e netos</li> <li>d. Lidar com incapacidades e morte dos pais (avós)</li> </ul>                                                                                                                           |
| 6. Famílias no estágio tardio da vida             | Aceitar a mudança dos papéis geracionais                                                                              | <ul style="list-style-type: none"> <li>a. Manter o funcionamento e os interesses próprios e/ou do casal em face do declínio fisiológico</li> <li>b. Apoiar um papel mais central da geração do meio</li> <li>c. Abrir espaço no sistema para a sabedoria e experiência dos idosos, apoiando a geração mais velha sem superfuncionar por ela</li> <li>d. Lidar com a perda do cônjuge, irmãos e outros iguais e preparar-se para a própria morte. Revisão e integração da vida</li> </ul> |

relações com seus pais o fazem reativamente e, de fato, ainda estão vinculados emocionalmente ao “programa” familiar, e não independentes dele. A mudança rumo ao *status* adulto-para-adulto requer uma forma de relacionar-se mutuamente respeitosa e pessoal, em que os jovens adultos podem apreciar os pais como eles são, sem precisar transformá-los naquilo que eles não são e sem culpá-los por aquilo que não puderam ser. Os jovens adultos também não precisam submeter-se às expectativas e desejos paternos, às suas próprias custas. Nesta fase, a terapia frequentemente busca ensinar os jovens adultos a se comprometerem com seus pais de uma maneira nova, que modifique seu *status* no sistema. Quando são os pais que buscam ajuda,

a terapia normalmente os ajuda a reconhecerem o novo *status* de seus filhos adultos e a se relacionarem com eles como tais. Os membros da família freqüentemente ficam presos numa luta "sempre igual", em que, quanto mais tentam, piores as coisas ficam. A terapia busca ajudá-los a fazerem a mudança de segunda ordem necessária. Somente quando as gerações conseguem modificar suas relações de *status* e reconectar-se de uma maneira nova é que a família pode prosseguir desenvolvimentalmente.

## A União das Famílias no Casamento: O Casal

A mudança do papel feminino, o freqüente casamento de parceiros de meios culturais muito diferentes e as distâncias físicas cada vez maiores entre os membros da família estão colocando uma carga muito maior sobre os casais, no sentido de definirem seu próprio relacionamento, do que costumava ocorrer nas estruturas familiares tradicionais, vinculadas às anteriores (Capítulo 10). Embora dois sistemas familiares quaisquer sejam sempre diferentes e possuam padrões e expectativas conflitantes, na nossa cultura atual os casais estão menos amarrados por tradições familiares e mais livres do que nunca para desenvolverem relacionamentos homem-mulher diferentes daqueles que experienciaram em suas famílias de origem. O casamento tende a ser erroneamente compreendido como uma união de dois indivíduos. O que ele realmente representa é a modificação de dois sistemas inteiros e uma sobreposição que desenvolve um terceiro subsistema. Como Jessie Bernard salientou há muito tempo, o casamento representa um fenômeno tão diferente para os homens e para as mulheres, que na verdade deveríamos falar do casamento "dele" e do casamento "dela". As mulheres tendem a antecipar o casamento com entusiasmo, embora estatisticamente ele não tenha sido um estado saudável para elas. Os homens, por outro lado, aproximam-se do casamento com uma típica ambivalência e medo de ser "apanhado numa armadilha", mas, de fato, eles se saem melhor no estado casado, em termos psicológicos e físicos, do que as mulheres. O casamento, tradicionalmente, significava que a mulher cuidava do marido e dos filhos, criando para eles um refúgio em relação ao mundo exterior. O tradicional papel de "esposa" significa um baixo *status*, nenhuma renda pessoal e muito trabalho para as mulheres, e, de modo típico, não atende às suas necessidades de conforto emocional. Essa é parte da razão para a recente redução do índice de casamentos e para a idade mais tardia em que vêm ocorrendo, assim como para a tendência feminina a adiar o nascimento dos filhos, ou até para escolher não ter filhos. Uma elevação no *status* das mulheres está positivamente correlacionada com a instabilidade conjugal (Pearson & Hendrix, 1979) e com a insatisfação conjugal de seus maridos (Burke & Weir, 1976). Quando as mulheres costumavam adaptar-se automaticamente ao papel no casamento, a probabilidade de divórcio era muito menor. De fato, parece muito difícil que os dois cônjuges sejam igualmente bem-sucedidos e realizadores. De fato, há evidências de que as realizações de um dos cônjuges podem correlacionar-se negativamente com o mesmo grau de realização no outro (Ferber & Huber, 1979). Assim, conseguir uma boa transição para o estado conjugal na nossa época, quando estamos tentando chegar à igualdade dos sexos (em termos educacionais e ocupacionais), pode ser extraordinariamente difícil (Capítulo 10).

Embora a nossa hipótese seja a de que o fracasso em renegociar o *status* familiar constitua a principal razão para o fracasso conjugal, parece que os casais não costumam trazer esse tipo de problema com a família ampliada. Os problemas que refletem a incapacidade de modificar o *status* familiar são normalmente indicados por fronteiras deficientes em torno do novo subsistema. Os parentes por afinidade podem ser intrusivos demais e o novo casal ter medo de colocar limites, ou o casal

pode ter dificuldade em estabelecer conexões adequadas com os sistemas ampliados, separando-se em um grupo fechado de duas pessoas. Às vezes, a incapacidade de formalizar, no casamento, um relacionamento de casal, quando as duas pessoas estão morando juntas, indica que elas ainda estão muito emaranhadas com suas próprias famílias para definirem um novo sistema e aceitarem as implicações desse realinhamento.

Nessas situações, é aconselhável ajudar o sistema a mover-se para uma nova definição de si mesmo (mudança de segunda ordem) em vez de perder-se nos detalhes das mudanças incrementais sobre as quais eles podem estar brigando (sexo, dinheiro, tempo, etc.).

### **Tornando-se Pais: Famílias com Filhos Pequenos**

A mudança para este estágio do ciclo de vida familiar requer que os adultos avancem uma geração e se tornem cuidadores da geração mais jovem. Problemas típicos que ocorrem quando os pais não conseguem fazer essa mudança são as brigas entre eles sobre assumir responsabilidades, recusa ou incapacidade de comportar-se como pais com seus filhos. Muitas vezes, os pais são incapazes de colocar limites e exercer a autoridade necessária, ou não têm paciência para permitir que seus filhos se expressem na medida em que se desenvolvem. Frequentemente, os pais que se apresentam clinicamente nesta fase, de alguma forma não estão aceitando a fronteira geracional entre eles e seus filhos. Eles podem queixar-se de que seu filho de quatro anos é "impossível de controlar". Ou, por outro lado, podem esperar que seus filhos se comportem mais como adultos, refletindo uma fronteira ou barreira geracional forte demais. Em qualquer caso, os problemas centrados na criança são tratados, de modo típico, ajudando-se os pais a obterem uma visão de si mesmos como parte de um novo nível geracional com responsabilidades e tarefas específicas em relação ao próximo nível da família.

Entretanto, no moderno casamento com dois salários (e às vezes duas carreiras), a briga central nessa fase é quanto à disposição das responsabilidades e cuidados à criança e pelas tarefas domésticas quando ambos os pais trabalham em tempo integral. O esforço de tentar encontrar cuidados adequados para a criança, quando não existe nenhuma provisão social satisfatória para essa necessidade familiar, traz sérias conseqüências: os dois trabalhos de tempo integral podem ficar com a mulher; a família pode viver em conflito e no caos; os filhos podem ser negligenciados ou sexualmente abusados quando os arranjos para cuidados são inadequados; a recreação e as férias podem ficar drasticamente reduzidas para se poder pagar os cuidados à criança; ou a mulher pode desistir de sua carreira para ficar em casa ou trabalhar apenas parte do tempo. Esse problema é central na maioria dos conflitos conjugais apresentados nesse estágio, e frequentemente leva a queixas de disfunção sexual e depressão. Não é possível trabalhar proveitosamente com os casais nesta fase sem lidar com as questões de gênero e com o impacto do funcionamento de papel sexual que ainda é considerado como a norma pela maioria dos homens e das mulheres. Realmente não surpreende que esta seja a fase do ciclo de vida familiar que possui o índice mais elevado de divórcios.

O Capítulo 11 ocupa-se amplamente do impacto dessa transição sobre o casal que trabalha, por causa de sua relevância para a família de hoje. Entretanto, os terapeutas também precisam informar-se a respeito do comportamento e desenvolvimento da criança, das suas dificuldades de aprendizagem, de sérios distúrbios na infância, etc., de modo a não negligenciarem esses aspectos quando focam o conflito progenitor-criança ou o conflito conjugal.

Para os avós, a mudança nessa transição é a de passar para uma posição secundária, em que podem permitir aos filhos serem as autoridades paternas principais

e, não obstante, estabelecerem um novo tipo de relacionamento carinhoso com seus netos. Para muitos adultos, esta é uma transição particularmente gratificante, que lhes permite ter intimidade sem a responsabilidade que a paternidade requer.

## A Transformação do Sistema Familiar na Adolescência

Embora muitos autores tenham separado os estágios das famílias com filhos pequenos em fases diferentes, na nossa opinião, as mudanças são incrementais até a adolescência, que introduz uma nova época, pois assinala uma nova definição dos filhos dentro da família e dos papéis dos pais em relação aos seus filhos. As famílias com adolescentes devem estabelecer fronteiras qualitativamente diferentes das famílias com filhos mais jovens, um trabalho dificultado, em nossa época, pela ausência de rituais que facilitem essa transição (Quinn e colaboradores, 1985). As fronteiras, agora, devem ser permeáveis. Os pais não podem mais impor uma autoridade completa. Os adolescentes podem e realmente abrem a família para um cortejo completo de novos valores, quando trazem seus amigos e novos ideais para a arena familiar. As famílias que descarrilam nesse estágio podem estar muito fechadas a novos valores e ameaçadas por eles, e com freqüência estão fixadas numa visão anterior de seus filhos. Podem tentar controlar todos os aspectos de suas vidas num momento em que, desenvolvimentalmente, é impossível conseguir fazer isso. Ou o adolescente se retrai em relação aos envolvimento apropriados a esse estágio desenvolvimental, ou os pais ficam cada vez mais frustrados com aquilo que percebem como sua própria impotência. Para esta fase, o velho adágio dos Alcoólatras Anônimos é particularmente adequado aos pais: "Que eu tenha a capacidade de aceitar as coisas que não posso mudar, a força para mudar as coisas que posso mudar, e a sabedoria para perceber a diferença." Fronteiras flexíveis, que permitem aos adolescentes se aproximarem e serem dependentes nos momentos em que não conseguem manejar as coisas sozinhos, e se afastarem e experimentarem, com graus crescentes de independência, quando estão prontos, exigem esforços especiais de todos os membros da família em seus novos *status* uns em relação aos outros. Esse também é um momento em que os adolescentes começam a estabelecer seus próprios relacionamentos independentes com a família ampliada, e são necessários ajustes especiais entre os pais e os avós para permitir e estimular esses novos padrões.

A terapia, nessas situações, precisa ajudar as famílias a modificarem apropriadamente sua visão de si mesmas, para possibilitarem a crescente independência da nova geração, embora mantendo as fronteiras e estrutura adequadas para favorecer o desenvolvimento familiar continuado.

O evento central no relacionamento conjugal nessa fase geralmente é a "crise do meio da vida" de um ou de ambos os cônjuges, com uma exploração das satisfações e insatisfações pessoais, profissionais e conjugais. Normalmente ocorre uma intensa renegociação do casamento, e às vezes a decisão de divorciar-se. O foco nas queixas dos pais e do adolescente, tanto por parte da família quanto do terapeuta, pode mascarar um caso amoroso ou um divórcio secretamente considerado, ou impedir que os problemas conjugais venham à superfície. Isso não significa que os sintomas adolescentes comuns, tais como abuso de drogas ou álcool, gravidez adolescente, delinquência ou comportamento psicótico não devam ser cuidadosamente avaliados e manejados.

## Famílias no Meio da Vida: Lançando os Filhos e Seguindo em Frente

Esta fase do ciclo de vida familiar é a mais nova e a mais longa, e por essas razões é, de muitas maneiras, a mais problemática de todas as fases (Capítulo 13).

Até uma geração atrás, a maioria das famílias ficava ocupada com a criação dos filhos durante toda a sua vida adulta até a velhice. Agora, em virtude do baixo índice de natalidade e do longo período de vida da maioria dos adultos, os pais lançam seus filhos quase vinte anos antes de aposentar-se, e devem então encontrar outras atividades de vida. As dificuldades dessa transição podem levar as famílias a se agarrarem aos filhos ou conduzir a sentimentos paternos de vazio e depressão, particularmente nas mulheres que centraram suas principais energias em seus filhos e agora se sentem despreparadas para enfrentar uma nova carreira no mundo do trabalho. O aspecto mais significativo desta fase é que nela ocorre o maior número de saídas e entradas de membros da família. Ela começa com o lançamento dos filhos adultos e prossegue com a entrada de seus cônjuges e filhos. É o momento em que os pais mais velhos estão adoecendo ou morrendo. Isso, em conjunção com as dificuldades de encontrar novas atividades de vida significativas durante essa fase, pode torná-la um período particularmente difícil. Os pais não apenas precisam lidar com a mudança em seu *status* conforme abrem espaço para a próxima geração e se preparam para avançar para a posição de avós, como também precisam lidar com um tipo diferente de relacionamento com os próprios pais, que podem tornar-se dependentes, dando-lhes (particularmente às mulheres) consideráveis responsabilidades como cuidadores. Esse também pode ser um momento de liberação, no sentido de que as finanças podem estar mais fáceis do que nos primeiros anos de responsabilidades familiares e de que existe o potencial de atingir áreas novas e inexploradas — viagens, *hobbies*, novas carreiras. Em algumas famílias, esse estágio é visto como um momento de fruição e conclusão, e como uma segunda oportunidade de consolidar ou expandir, explorando novas possibilidades e novos papéis. Em outras, ele conduz ao rompimento, ao sentimento de vazio e perda esmagadora, depressão e desintegração geral. Essa fase necessita de uma nova estruturação do relacionamento conjugal, agora que não são mais necessárias as responsabilidades paternas. Como Solomon (1973) observou, se a solidificação do casamento não ocorreu e não é possível um novo investimento, a família muitas vezes se mobiliza para agarrar-se ao filho caçula. Quando isso não acontece, o casal pode seguir para o divórcio.

## A Família no Estágio Tardio da Vida

Conforme Walsch (Capítulo 14) salientou, poucas das visões existentes em nossa cultura nos fornecem perspectivas positivas para um ajustamento sadio na terceira idade, seja dentro da família ou no contexto social. Prevaecem as visões pessimistas. Os mitos atuais são de que a maioria dos idosos não tem famílias; que aqueles que as têm, pouco se relacionam com elas e normalmente são colocados de lado em instituições; ou que todas as interações familiares com os membros mais velhos da família são mínimas. Pelo contrário, a vasta maioria dos adultos acima de 65 anos de idade não vive sozinha, mas com outros membros da família. Mais de 80% vivem a uma hora de distância de pelo menos um dos filhos (Capítulo 14).

Um outro mito sobre os idosos é que eles são doentes, senis e frágeis, e que podem ser manejados melhor em asilos ou hospitais. Somente 4% dos idosos vivem em instituições (Streib, 1972), e a idade média de admissão é 80 anos. Há indicações de que, se as pessoas não estimulassem sua dependência ou os ignorassem como membros funcionais da família, esse grau de dependência seria ainda menor.

Entre as tarefas das famílias no estágio tardio da vida estão os ajustamentos à aposentadoria, que não apenas podem criar o óbvio vazio para o aposentado, mas também trazer uma tensão especial a um casamento que até então estivera equilibrado em esferas diferentes. A insegurança e a dependência financeira são também dificuldades especiais, especialmente para os membros da família que dão valor a ad-

ministrar as coisas sozinho. E, embora a perda de amigos e parentes seja uma dificuldade específica nessa fase, a perda de um cônjuge é o ajustamento mais difícil, com seus problemas de reorganizar toda uma vida sozinho, depois de muitos anos como casal, e de ter menos relacionamentos para ajudar a substituir o que foi perdido. Entretanto, a condição de avós pode proporcionar um renovado interesse pela vida, e oportunidades de relacionamentos íntimos especiais, sem as responsabilidades da paternidade.

A dificuldade em fazer as modificações de *status* necessárias nessa fase da vida refletem-se numa recusa, por parte dos membros mais velhos da família, a desistir de alguns de seus poderes, como quando um avô se recusa a passar o controle da companhia ou a fazer planos para a sua sucessão. A incapacidade de modificar o *status* aparece também quando os adultos mais velhos desistem e se tornam totalmente dependentes da geração seguinte, ou quando esta não aceita que seus poderes estão diminuindo ou os trata como totalmente incompetentes ou irrelevantes. As evidências sugerem que os homens e as mulheres respondem de forma muito diferente aos seus papéis no envelhecimento, e isto também deve ser cuidadosamente avaliado (Hesse-Biber & Williamson, 1984).

Mesmo quando os membros da geração mais velha estão muito debilitados, não existe realmente uma reversão de papéis entre uma geração e a próxima, pois os pais sempre têm muitos anos de experiência extra e permanecem modelos para as gerações seguintes, nas fases de vida que estão por vir. Não obstante, por ser a velhice totalmente desvalorizada em nossa cultura, os membros da família da geração do meio muitas vezes não sabem como fazer a modificação adequada no *status* relacional com seus pais.

Clinicamente, é raro que os membros mais velhos da família busquem ajuda, embora eles realmente tenham muitos problemas clínicos, principalmente depressão. Com maior frequência, são os membros da geração seguinte que buscam ajuda, e mesmo eles muitas vezes não se apresentam com seu problema definido como relacionando-se a um progenitor idoso. Geralmente é só após um cuidadoso estudo da história que ficamos sabendo que um avô idoso vai se mudar ou ser levado para um asilo, e que as questões de relacionamento referentes a essa modificação ficaram totalmente submersas na família.

Ajudar os membros da família a reconhecerem as mudanças de *status* e a necessidade de resolverem seus relacionamentos em um novo equilíbrio pode auxiliar as famílias a seguirem em frente desenvolvimentalmente.

## VARIAÇÕES MAIORES NO CICLO DE VIDA FAMILIAR

### Divórcio e Recasamento

Embora a maioria estatística das classes média e alta americanas ainda atravessem os tradicionais estágios de ciclo de vida familiar como delineado acima, a maior variação em relação a essa norma consiste nas famílias em que ocorreu o divórcio. Com o índice de divórcio atualmente em 50% e o de redivórcio em 61% (Glick, 1984a), o divórcio na família americana está perto do ponto em que ocorrerá na maioria das famílias, e será então considerado cada vez mais como um evento normativo. Em nossa experiência como terapeutas e professores, julgamos indicado conceitualizar o divórcio como uma interrupção ou deslocamento do tradicional ciclo de vida familiar, que produz um tipo de profundo desequilíbrio que está associado, em todo o ciclo de vida familiar, a mudanças, ganhos e perdas no grupo familiar (Capítulo 15; Ahrons & Rodgers, 1987). Como em outras fases do ciclo de vida, existem modificações cruciais no *status* relacional e importantes tarefas emocionais que

precisam ser completadas pelos membros da família que se divorcia, para que eles possam prosseguir desenvolvimentalmente. Como em outras fases, as questões emocionais não-resolvidas nesta fase continuarão como obstáculos em relacionamentos futuros (Capítulo 15).

Conseqüentemente, nós conceitualizamos a necessidade, nas famílias em que ocorre o divórcio, de passar por uma ou duas fases adicionais do ciclo de vida familiar, de modo a se obter uma nova estabilização e a prosseguir desenvolvimentalmente, mais uma vez, em um nível mais complexo. Das mulheres que se divorciam, pelo menos 35% não casam novamente. Essas famílias passam por uma fase adicional e podem reestabilizar-se permanentemente como famílias pós-divórcio (Capítulo 16). Os outros 65% das mulheres que se divorciam casam novamente, e essas famílias precisam negociar duas fases adicionais do ciclo de vida familiar antes de uma reestabilização permanente (Capítulo 17).

Nosso conceito do processo emocional da família no divórcio e no pós-divórcio pode ser visualizado como um gráfico tipo montanha russa, com picos de tensão emocional em todos os pontos de transição:

1. No momento da decisão de separar-se ou divorciar-se
2. Quando essa decisão é anunciada à família e aos amigos
3. Quando são discutidos os arranjos financeiros e de custódia/visitação
4. Quando acontece a separação física
5. Quando acontece o divórcio legal real
6. Quando os cônjuges separados ou ex-cônjuges têm contato para conversar sobre dinheiro ou sobre os filhos
7. Quando cada filho se forma, casa, tem filhos ou adoece
8. Quando cada cônjuge casa novamente, se muda, adoece ou morre.

Esses picos de pressão emocional são encontrados em todas as famílias que se divorciam — não necessariamente na ordem acima — e muitos deles acontecem repetidas vezes, durante meses ou anos. Uma descrição mais detalhada do processo aparece na Tabela 1-2.

As emoções liberadas durante o processo de divórcio relacionam-se primariamente à elaboração do divórcio emocional — isto é, a recuperação do eu em relação ao casamento. Cada parceiro deve recuperar esperanças, sonhos, planos e expectativas que foram investidos nesse cônjuge e nesse casamento. Isso requer um luto por aquilo que foi perdido e o manejo da mágoa, raiva, culpa, vergonha e perda em si mesmo, no cônjuge, nos filhos e na família ampliada.

Em nosso trabalho clínico com famílias que estão se divorciando, nós concordamos com a visão básica de sistema segundo a qual os rompimentos de relações são emocionalmente prejudiciais, e trabalhamos para ajudar os cônjuges em divórcio a manterem um relacionamento cooperativo enquanto pais e a permitirem o máximo contato possível entre os filhos e os pais e os avós naturais. Nossa experiência apóia a de outros autores (Hetherington e colaboradores, 1977; Ahrons, 1980), que descobriram ser necessário um mínimo de dois anos e um grande esforço após o divórcio para que uma família se reajuste à sua nova estrutura e prossiga para o próximo estágio de ciclo de vida, que pode ou não incluir o recasamento.

As famílias em que as questões emocionais do divórcio não estão adequadamente resolvidas podem permanecer emocionalmente paralisadas por anos, se não por gerações. Os picos predizíveis de tensão emocional na transição para o recasamento ocorrem quando há um sério comprometimento com um novo relacionamento; quando um plano de casar novamente é anunciado às famílias e aos amigos; quando ocorre realmente o recasamento e a formação de uma família por segundo casamento, que acontece simultaneamente e na medida em que a logística da família por segundo casamento é colocada em prática.

**Tabela 1-2. Deslocamentos do Ciclo de Vida Familiar que Requerem Passos Adicionais para que as Pessoas Possam se Reestabilizar e Prosseguir Desenvolvementalmente**

|                             | Fase                                                           | Processo Emocional de Transição<br>Atitude Essencial                                                                                                               | Questões Desenvolventais                                                                                                                                                                                                                                                     |
|-----------------------------|----------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Divórcio</i>             |                                                                |                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 1.                          | A decisão de divorciar-se                                      | Aceitação da incapacidade de solucionar as tensões conjugais o suficiente para manter o relacionamento                                                             | Aceitação da própria participação no fracasso do casamento                                                                                                                                                                                                                   |
| 2.                          | Planejando a separação do sistema                              | Apoiar arranjos viáveis para todas as partes do sistema                                                                                                            | a. Resolver cooperativamente os problemas da custódia<br>b. Manejar a família ampliada com relação ao divórcio                                                                                                                                                               |
| 3.                          | Separação                                                      | a. Disposição para continuar um relacionamento co-parental cooperativo e o sustento financeiro conjunto dos filhos<br>b. Ênfase à resolução de se dedicar à esposa | a. Luto pela perda da família intacta<br>b. Reestruturação dos relacionamentos conjugal e progenitor-filhos, e das finanças; adaptação a viver separado<br>c. Realinhamento do parentesco com a família ampliada: reforço da associação com a ampliação da família da esposa |
| 4.                          | O divórcio                                                     | Mais elaboração do divórcio emocional: superar mágoa, raiva, culpa, etc.                                                                                           | a. Luto pela perda da família intacta: abandonar fantasias de reunião<br>b. Recuperação de esperanças, sonhos, expectativas daquele casamento com as famílias ampliadas<br>c. Permanecer conectado                                                                           |
| <i>Família pós-divórcio</i> |                                                                |                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 1.                          | Progenitor solteiro (lar com custódia ou residência principal) | Disposição para manter as responsabilidades financeiras, continuar o contato com o ex-cônjuge e apoiar o contato dos filhos com o ex-cônjuge e sua família         | a. Fazer arranjos de visita flexíveis com o ex-cônjuge e sua família<br>b. Reconstruir os próprios recursos financeiros<br>c. Reconstruir a própria rede social                                                                                                              |
| 2.                          | Progenitor solteiro (sem custódia)                             | Disposição para manter o contato paterno com o ex-cônjuge e apoiar o relacionamento dos filhos com o progenitor que tem a custódia                                 | a. Descobrir maneiras de manter uma paternidade efetiva<br>b. Manter as responsabilidades financeiras com o ex-cônjuge e os filhos<br>c. Reconstruir a própria rede social                                                                                                   |

O processo emocional familiar na transição para o recasamento consiste em lutar com os medos relativos ao investimento em um novo casamento e numa nova família: os próprios medos da pessoa, os medos do novo cônjuge e os medos dos filhos (de um ou de ambos os cônjuges); lidar com as reações hostis ou de perturba-

ção dos filhos, das famílias ampliadas e do ex-cônjuge; lutar com a ambigüidade da nova estrutura, papéis e relacionamentos familiares; ressurgimento de intensa culpa e preocupação dos pais em relação ao bem-estar dos filhos; e ressurgimento do antigo apego ao ex-cônjuge (negativo ou positivo). A Tabela 1-3 descreve o processo em maiores detalhes.

**Tabela 1-3. Formação da Família Recasada: Um Sumário Desenvolvimental\***

| Etapas                                                             | Atitude Essencial                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Questões Desenvolvimentais                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|--------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. Iniciando o novo relacionamento                                 | Recuperação em relação à perda do primeiro casamento ("divórcio emocional" adequado)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | Recomprometimento com o casamento e com a formação de uma família, com disposição para lidar com a complexidade e a ambigüidade.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 2. Conceitualizando e planejando o novo casamento e a nova família | <p>Aceitar os próprios medos e os do novo cônjuge e dos filhos em relação ao recasamento e à formação de uma família por segundo casamento</p> <p>Aceitar a necessidade de tempo e paciência para o ajustamento à complexidade e ambigüidade de:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Múltiplos papéis novos</li> <li>2. Fronteiras: espaço, tempo, condição de fazer parte da família, autoridade</li> <li>3. Questões Afetivas: culpa, conflitos de lealdade, desejo de mutualidade, mágoas passadas não-resolvidas</li> </ol> | <ol style="list-style-type: none"> <li>a. Trabalhar a honestidade nos novos relacionamentos para evitar a pseudomutualidade.</li> <li>b. Planejar a manutenção de relacionamentos financeiros e de co-paternidade cooperativos com os êx-cônjuges.</li> <li>c. Planejar como ajudar os filhos a lidarem com seus medos, conflitos de lealdade, e condição de fazer parte de dois sistemas.</li> <li>d. Realinhamento dos relacionamentos com a família ampliada para incluir o novo cônjuge e filhos.</li> <li>e. Planejar a manutenção das conexões das crianças com a família do(s) êx-cônjuge(s).</li> </ol> |
| 3. Recasamento e reconstituição da família                         | <p>Resolução final do apego ao cônjuge anterior e ao ideal da família "intacta";</p> <p>Aceitação de um modelo diferente de família com fronteiras permeáveis</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | <ol style="list-style-type: none"> <li>a. Reestruturação das fronteiras familiares para permitir a inclusão do novo cônjuge-padrasto ou madrasta.</li> <li>b. Realinhamento dos relacionamentos e arranjos financeiros em todos os subsistemas para permitir o entrelaçamento de vários sistemas.</li> <li>c. Criar espaço para os relacionamentos de todos os filhos com os pais biológicos (sem custódia), avós e o restante da família ampliada.</li> <li>d. Compartilhar lembranças e histórias para aumentar a integração da família por segundo casamento.</li> </ol>                                     |

\* Variação de um esquema desenvolvimental apresentado por Ransom e colaboradores (1979).

A nossa sociedade oferece às famílias por segundo casamento uma escolha entre dois modelos conceituais, sendo que nenhum deles funciona: famílias que agem como a família intacta da porta ao lado, glorificada nos seriados de televisão; e os padrastos e madrastas malvados dos contos de fadas. O nosso primeiro passo clínico, então, é validar para as famílias por segundo casamento a ausência de apoio so-

cial e clareza no paradigma de família que lhes é oferecido. Os terapeutas podem lhes propor o desafio de ajudar a inventar uma nova forma de estrutura familiar com a seguinte orientação, compensando o sentimento de sistema: abandonar o antigo modelo de família e aceitar a complexidade da nova forma; manter fronteiras permeáveis para permitir a modificação da composição da estrutura doméstica; e esforçar-se por canais abertos de comunicação entre os grupos de pais e entre todos os pais e avós biológicos e seus filhos e netos (Capítulo 17).

Na nossa experiência, o resíduo de um divórcio zangado e vingativo pode bloquear a integração da família por segundo casamento durante anos ou para sempre. O ressurgimento do antigo apego emocional a um ex-cônjuge, que emerge caracteristicamente no momento do recasamento e nas subseqüentes transições de ciclo de vida dos filhos, geralmente não é compreendido como um processo predizível, e, portanto, leva à negação, interpretações errôneas, rompimento de relações e inúmeras dificuldades. Como no caso do ajustamento a uma nova estrutura familiar após o divórcio, a integração da família por segundo casamento também parece requerer um mínimo de dois ou três anos antes que uma nova estrutura utilizável permita aos membros da família prosseguirem emocionalmente.

## O Ciclo de Vida Familiar dos Pobres

A adaptação das famílias pobres multiproblemáticas a um rígido contexto político, social e econômico produziu um padrão de ciclo de vida familiar que varia significativamente em relação ao paradigma de classe média tão freqüente e erroneamente utilizado para conceitualizar a sua situação. Hines (Capítulo 21) propõe uma análise do ciclo de vida familiar dos pobres em três fases, análise essa que nos leva a refletir: o “jovem adulto sozinho” (que pode ter apenas 11 ou 12 anos), que está virtualmente por conta própria, sem que nenhum adulto se responsabilize por ele; famílias com filhos - uma fase que ocupa a maior parte do período de vida e comumente inclui estruturas domésticas com três ou quatro gerações; e a fase da avó que não evoluiu, ainda envolvida, na velhice, com um papel central de educar crianças - ainda cuidando ativamente das gerações mais novas.

Além do capítulo referido acima, sugere-se a leitura de Aponte (1974, 1976) e Minuchin e colegas (1967), sobre abordagens clínicas das famílias pobres, e a leitura do provocativo contraste de Fulmer do ciclo de vida familiar em duas classes socioeconômicas diferentes (Capítulo 22). Tais polaridades tornaram-se um aspecto característico da vida americana na década de oitenta, particularmente nas áreas urbanas, onde a classe média é freqüentemente superada em número por uma combinação de “yuppies”, de pobres e de desabrigados.

## Variação Cultural

A maioria das descrições do ciclo de vida familiar típico (incluindo a nossa) deixa de transmitir os consideráveis efeitos da etnicidade e da religião em todos os aspectos de como, quando e de que maneira uma família faz suas transições de uma fase para outra. Embora possamos ignorar essas variáveis em favor da clareza teórica do foco na pessoa comum, um terapeuta que trabalha com pessoas reais no mundo real não pode se dar ao luxo de ignorar isso. A definição de “família”, assim como o momento das fases do ciclo de vida e a importância das diferentes transições, varia de acordo com o *background* cultural da família. É essencial que os terapeutas considerem a maneira pela qual a etnicidade interfere no ciclo de vida e encorajem as famílias a assumirem uma ativa responsabilidade por cumprirem os rituais de

seus grupos étnicos ou religiosos, para assinalar cada fase (Capítulo 20). Também é extremamente importante que nós, como terapeutas, ajudemos as famílias a desenvolverem rituais que correspondam às transições reais em suas vidas, incluindo aquelas transições que a cultura não validou (Capítulo 8).

## CONCLUSÕES

Concluindo, dirigimos as reflexões do leitor às poderosas (e preventivas) implicações das celebrações do ciclo de vida familiar: aqueles rituais, religiosos ou seculares, que foram desenvolvidos pelas famílias em cada cultura para facilitar a passagem de seus membros de um *status* para o seguinte. Conforme Friedman (Capítulo 7) salienta, todos os relacionamentos familiares no sistema parecem abrir-se no momento imediatamente anterior e posterior a tais eventos, e muitas vezes é possível mudar as coisas com um esforço menor, durante esses períodos intensivos, do que aquele que comumente seria dispendido em anos de luta.

## BIBLIOGRAFIA

- Ahrons, C. H. (1980). Joint custody arrangements in the postdivorce family. *Journal of Divorce*, 3:187-205.
- Ahrons, C. R. (1980). Redefining the divorced family: A conceptual framework. *Social Work*, Nov: 437-441.
- Ahrons, C. R. (1983). Divorce: A crisis of family transition and change. In D. H. Olsen & B. X. Miller (Eds.), *Family studies: Review yearbook*, Vol. 1. Beverly Hills, Calif.: Sage Publications.
- Ahrons, C. R. H. & Rodgers, R. (1987). *The divorced family*. New York: Norton.
- Aponte, H. (1974). Psychotherapy for the poor: An eco-structural approach to treatment. *Delaware Medical Journal* 46:15-23.
- Aries, P. (1962). *Centuries of childhood: A social history of family life*. New York: Vintage.
- Bacon, L. (1974). Early motherhood, accelerated role transition and social pathologies, *Social Forces* 52: 333-341.
- Belsky, J., Spanier, G.B., & Robine, M. (1983). Stability and change in marriage across the transition to parenthood. *Journal of Marriage and the Family* 45(3):567-578.
- Bernard, J. (1972). *The future of marriage*. New York: Bantam.
- Bianchi, S. M. & Spain, D. (1986). *American women in transition*. New York: Russel Sage.
- Bowen, M., (1978). *Family therapy in clinical practice*. New York: Aronson.
- Butler, R.N., & Lewis, M.I. (1983). *Aging and mental health*. New York: New American Library.
- Campbell, A. (1975, May). The American way of mating: Marriage si, children only maybe. *Psychology Today* 37-43.
- Carter, E.A. (1978). The transgenerational scripts and nuclear family stress: Theory and clinical implications. In R.R. Sager (Ed.), *Georgetown family symposium* (Vol. 3, 1975-76). Washington, D.C.: Georgetown University.
- Cicirelli, V.G. (1985). Sibling relationships throughout the life cycle. In L. L'Abate (Ed.), *The handbook of family psychology and therapy*. Homewood, Ill.: Dorsey Press.
- Combrinck-Graham, L. (1985). A developmental model for family systems. *Family Process*, 24(2): 139-150.
- Duvall, E.M. (1977). *Marriage and family development* (5th ed.). Philadelphia: Lippincott.
- Erikson, E. (1950). *Childhood and society*. New York: Norton.
- Erikson, E.H. (1976). *Adulthood*. New York: Norton.
- Fishbein, H.D. (1987). The identified patient and stage of family development. *Journal of Marital and Family Therapy* 8(1): 57-62.
- Gelfand, D.E. (1982). *Aging: The ethnic factor*. Boston: Little Brown.
- Gelfand, D.E., & Kutzik, A.J. (Eds.) (1979). *Ethnicity and aging*. New York: Springer.
- Gilligan, C. (1982). *In a different voice*. Cambridge, Mass: Harvard University Press.
- Glick, P. (1984a). How American families are changing. *American Demographics*, Jan 21-25.

- Glick, P. (1984b). Marriage, divorce, and living arrangements. *Journal of Family Issues* 5(1): 7-26.
- Glick, P. (1984c). American household structure in transition. *Family Planning Perspectives* 16(5): 205-211.
- Goldner, V. (1985). Feminism and family therapy. *Family Process* 24(1): 31-48.
- Goode, W.J. (1963). *World revolution and family patterns*. New York: Free Press.
- Goodrich, D.W., Ryder, R.G., & Raush, H.L. (1968). Patterns of newlywed marriage. *Journal of Marriage and the Family* 30: 383-390.
- Gould, R. (1972). The phases of adult life: A study in developmental psychology. *American Journal of Psychiatry* 129: 33-43.
- Hadley, T., Jacob, T., Milliones, J., Caplan, J., & Spitz, D. (1974). The relationship between family developmental crises and the appearance of symptoms in a family member. *Family Process* 13:207-214.
- Hare-Mustin, R.T. (1978). A feminist approach to family therapy. *Family Process* 17: 181-193.
- Hare-Mustin, R.T. (1987). The problem of gender in family therapy. *Family Process* 26: 15-27.
- Harry, J. (1976). Evolving sources of happiness for men over the life cycle: A structural analysis. *Journal of Marriage and the Family* 2: 289-296.
- Hess, B.B., & Waring, J.M. (1984). Changing patterns of aging and family bonds in later life. *The Family Coordinator* 27(4): 303-314.
- Hesse-Biber, S., & Williamson, J. (1984). Resource theory and power in families: Life Cycle Considerations. *Family Process* 23(2) 261-278.
- Hetherington, M.E., Cox, M., & Cox, R., (1977). The aftermath of divorce. In E.M. Hetherington & R.D. Parke, *Contemporary readings in child psychology*, 3rd ed. New York: McGraw-Hill.
- Hill, R. (1970). *Family development in three generations*. Cambridge, Mass.: Schenkman.
- James, K. & McIntyre, D. (1983). The reproduction of families: The social role of family therapy. *Journal of Marital and Family Therapy* 9(2): 119-130.
- Kitson, G.C., & Raschke, H.J. (1983). Divorce research: What we know, what we need to know. In D.H. Olson & B.C. Miller (Eds.), *Family studies: review yearbook*, Vol. 1. Beverly Hills, Calif.: Sage Publications.
- Lieberman, M. (Oct. 1974). Adaptational patterns in middle aged and elderly: The role of ethnicity. Paper presented at the Gerontological Society Conference, Portland, Ore.
- Levinson, D. (1978). *The seasons of a man's life*. New York: Knopf.
- Libow, J.A., Rashkin, P.A., & Caust, B.L. (1982). Feminist and family systems therapy: Are they incompatible? *The American Journal of Family Therapy* 10(3): 3-12.
- McGoldrick, M. (1982). Overview. In M. McGoldrick, J.K. Pearce, & J. Giordano, (Eds.), *Ethnicity and family therapy*. New York: Guilford Press.
- McGoldrick, M., Anderson, C., & Walsh, F. (in press). *Women in families: A framework for family therapy*. New York: Norton.
- McGoldrick Orfanidis, M. (1977). Some data on death and cancer in schizophrenic families. Presentation at Georgetown Presymposium. Washington, D.C.
- Miller, J.B. (1976). *Toward a new psychology of women*. Boston: Beacon.
- Minuchin, S., Montalvo, B., Guernsey, B., Rosman, B., & Schumer, F. (1967). *Families of the slums*. New York: Basic Books.
- Nadelson, C., et al., (1984). Marriage as a developmental process. In C.C.Nadelson & D.C. Polonsky (Eds.), *Marriage and divorce: A contemporary perspective*. New York: Guilford.
- Nock, S.L. (1981). Family life cycle transitions: Longitudinal effects on family members. *Journal of Marriage and the Family*, 43: 703-714.
- Norton, A.J. (1980). The influence of divorce on traditional life cycle measures. *Journal of Marriage and the Family*, 42: 63-69.
- Norton, A.J. (1983). The family life cycle: 1980. *Journal of Marriage and the Family*, 45(2): 267-275.
- Quinn, W.H. (1983). Older generations of the family: Relational dimensions and quality. *American Journal of Family Therapy*, 11(3): 23-34.
- Quinn, W.H., Newfield, N.A., & Protinsky, H.O. (1985). Rites of passage in families with adolescents. *Family Process*, 24(1): 101-112.
- Paul, N. & Grosser, G. (1965). Operational mourning and its role in conjoint family therapy. *Community Mental Health Journal*, 1: 339-345.
- Paul, N. & Paul, B.B. (1974). *A marital puzzle*. New York: Norton.

- Rodgers, R. (1960). Proposed modifications of Duvall's family life cycle stages. Paper presented at the American Sociological Association Meeting, New York.
- Schram, R.W. (1979). Marital satisfaction over the family life cycle: A critique and proposal. *Journal of Marriage and the Family* 41(1): Feb.
- Sluzki, C. (1979). Migration and family conflict. *Family Process* 18(4):379-390.
- Solomon, M. (1973). A developmental conceptual premise for family therapy. *Family Process* 12: 179-188.
- Spanier, G.B. (1983). Married and unmarried cohabitation in the United States: 1980. *Journal of Marriage and the Family* 45(2): 277-288.
- Spanier, G.B., & Glick, P.C. (1980). The life cycle of American families: An expanded analysis. *Journal of Family History* 5: 97-111.
- Taggart, M. (1985). The feminist critique in epistemological perspective: Questions of context in family therapy. *Journal of Marital and Family Therapy* 11(2): 113-126.
- Thomas, C.G. & Duszynski, D.R. (1974). Closeness to parents and the family constellation in a prospective study of five disease states: Suicide, mental illness, malignant tumor, hypertension and coronary heart disease. *The Johns Hopkins Medical Journal* 134: 251-270.
- Thurow, L. (1987). The surge in inequality. *Scientific American* 256(5): 30-37.
- U.S. Senate Special Committee on Aging and American Association of Retired Persons. (1985) *Aging America*. Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office.
- Walsh, F. (1978). Concurrent grandparent death and the birth of a schizophrenic offspring: An intriguing finding. *Family Process* 17: 457-463.
- Woehrer, C.E. (Nov. 1982). The influence of ethnic families on intergenerational relationships and later life transitions. *Annals of the American Academy of PSS* 464: 65-78.
- Women's Project in Family Therapy (in press). *Feminism and family therapy*. New York: Guilford Press.